



afeto

GRUPO DE PESQUISA
EM ETNOCENOLOGIA (UNB)

ETNOCENOLOGIA

saberes de vida, fazeres de cenas

Cícero Félix e Graça Veloso

(organização)



UnB

ETNOCENOLOGIA
saberes de vida, fazeres de cenas

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGCEN
Afeto - Grupo de Pesquisa em Etnocenologia.



ETNOCENOLOGIA

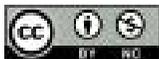
saberes de vida, fazeres de cenas

Cícero Félix e Graça Veloso

(organização)



Brasília, 2023



A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos autores.

Informações

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGCEN
Afeto - Grupo de Pesquisa em Etnocologia.
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Brasília (DF), Brasil.

Capa e diagramação

Cícero Félix

Revisão

Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

E84 Etnocologia [recurso eletrônico] : saberes de vida, fazeres de cenas / Cícero Félix e Graça Veloso (organização). - Brasília : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2024.
175 p. : il.

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/category/ida>>.
ISBN 978-65-88507-08-7.

1. Artes cênicas - Aspectos antropológicos. I. Félix, Cícero (org.). II. Veloso, Graça (org.).

CDU 792:39

Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

Sumário

APRESENTAÇÃO Etnocologia: saberes de vida, fazeres de cena, **11**

Saberes

Porque Cultura e por que não Popular? Léxicos, políticas e espaços, **Adailson Costa dos Santos, 20**

Etnocologia: em demanda de uma epistemologia de permanência e manutenção do radical Etno, **Graça Veloso, 38**

Corporalidad, corporeidad, corpospfera, **Paul San Martín, 50**

Fazeres

O lugar da reza no Altar do Menino Deus e na Folia de Nossa Senhora do Livramento, **Cícero Félix de Sousa, 62**

Processo de criação na Etnocologia: experiência, teatro e branquitude, **Diego Pereira Borges, 84**

Uma vivência estética e afetiva com menores em cumprimento de medidas de liberdade assistida - UAMA do Paranoá (DF), **João Timótheo Maciel Porto, 102**

Educação e Etnocologia: horizontes tangentes que podem ser visibilizados. Possíveis? **Joselito Eduardo Matos Sampaio, 116**

Espectáculo Ninho: a mulher-pássaro e sua trajetividade etnocológica para criação em dança, **Liubliana Silva Moreira Siqueira e Graça Veloso, 140**

Tombo do maguio: trajetos de corpo e criação cênica a partir do cavalo marinho pernambucano, **Tainá Dias de Moraes Barreto, 156**



APRESENTAÇÃO

Etnocenologia: saberes de vida, fazeres de cena

TODA VIDA É SINGULAR. Todas as cenas são plurais. A singularidade da vida faz com que todas as cenas sejam plurais nos seus afetos e nas suas percepções. Assim é a Etnocenologia, uma proposição para o estudo das artes do corpo e do espetáculo. Pela capacidade que suas práticas têm de revolucionar vidas, é recorrente a frase “a Etnocenologia é uma disciplina maravilhosa”. Eu, porém, complementarmente: a Etnocenologia é maravilhosa e, como qualquer outra proposição acadêmica, é uma disciplina muito perigosa. E, as razões para as duas afirmações, por mais paradoxal que possam parecer, são as mesmas. Como uma abordagem metodológica que se propõe a nos levar ao reconhecimento da alteridade como guia ético para nossos saberes e fazeres, está exatamente aí uma de suas maiores armadilhas. Ao colocar o Outro como referência para as interações sociais, tanto éticas, quanto étnicas e estéticas, se sobressai, para os menos avisados, uma prática insistentemente traiçoeira, que nos faz correr o risco de não fazer uma pergunta crucial: de que Outridade estamos mesmo falando?

Ao observar a escolha dos recortes de estudos de pessoas que se definem como filiados ao colégio desta Etnociência, no campo das produções estéticas da pluralidade cultural humana, o que direciona inclusive o próprio radical Etno da disciplina, via de regra nos deparamos com uma grande contradição. A Etno-

cenologia acaba por justificar as maiores críticas que recebe: de um sem-número de artigos acadêmicos, teses e dissertações encontráveis tendo como palavra-chave Etnocenologia, a quase totalidade está nos espaços preferenciais de pesquisa das pessoas brancas, sobre os grupos étnicos não brancos. Falamos e pesquisamos sobre tudo: espetáculos cênicos, ritos espetaculares e a vida cotidiana, porém sempre sobre o mesmo. Encontramos teses, dissertações e artigos sobre as práticas sagracionais negras, afro-brasileiras e pindorâmicas, às dezenas, centenas. Entretanto, se procurarmos um estudo que seja sobre práticas cênicas que evidenciem as branquitudes de nosso meio, teremos uma dificuldade quase intransponível de encontrar. E de onde vem essa crucial contradição?

A noção de “Outro”, sabemos, foi uma invenção branca, europeia, para justificar as ações colonizadoras e escravagistas adotadas nas invasões dos territórios que viriam a ser denominados de Américas, e de África. Só para lembrar, todo o chamado Novo Mundo foi colonizado por países europeus. E em Áfricas, apesar de controvérsias sobre se a Libéria foi ou não colônia, é unânime o reconhecimento de que a Etiópia em nenhum momento de sua história se permitiu ser dominada por outra potência. Sempre resistiu, tendo inclusive vencido a maior tentativa de dominação, quando derrotou as tropas italianas na Batalha de Adwa, em 1896.

E está exatamente neste ponto, as noções de “Outro”, a maior crítica a que somos expostos: que “Outro” é este que nos leva para o viés de nossas pesquisas nos conduzindo à ideia de que todas as racializações são sempre em mão única. Racializado é sempre o mesmo: o não-branco. A Branquitude e suas práticas, sejam elas da vida cotidiana, de sagração ou de estética, raramente, ou nunca, são colocadas como recorte de pesquisa. Mas o que tem esta afirmação com o “perigo” citado anteriormente? Ora, como toda ética colonialista, ao se perceber como detentora de um princípio contra colonial, as pessoas que praticam a disciplina deixam de fazer a necessária e permanente autocrítica. O fato de se sentirem localizadas num mundo idealizado de saberes e fazeres de reconhecimento da presença do “Outro” como guia ético para suas percepções de mundo, faz com que essas pessoas não se apercebam das armadilhas da colonialidade e, ao não se verem também como sujeitos a serem investigados. E, como consequência, sempre se voltam para pesquisas e estudos sobre aquela “Outridade” eleita como “objeto de pesquisa”.

A Etnocenologia, principalmente nos territórios baianos e ceratenses, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e da Universidade de Brasília (UnB), e seus diversos grupos de pesquisa, desde seu III Encontro Nacional, realizado em 2021, passa por profundas transformações em suas proposições primeiras. Como reflexo desses questionamentos, aparecem diversas novas proposições para esta Etnociência das artes do corpo e do espetáculo, destacando-se, principalmente a urgência em reconhecer que a Branquitude nunca é racializada.

Esta é uma das questões centrais que conduzem as reflexões do Afeto, Grupo de Pesquisa em Etnocenologia da UnB, fundado em 2018 sob a liderança do professor doutor Jorge das Graças Veloso. O Afeto se consolida como por três ações distintas no universo da Etnocenologia cerratense, além de seus encontros periódicos para conduzir as pesquisas de seus componentes. Propõe-se a ser um espaço de criação artística, pela atuação do Coletivo Nonô, de organização de eventos, inclusive em parcerias com outros grupos, e, como no caso deste primeiro livro coletivo, espaço para publicações acadêmicas.

Questões como as citadas anteriormente, além de outras que também seguem na direção contrária ao etnocentrismo, aparecem nos diversos artigos deste primeiro eBook do grupo. Organizado em dois blocos, **Saberes e Fazeres**, o conteúdo discute a necessidade de atualização epistemológica e as experiências etnocenológicas com os saberes das artes da cena e do espetáculo, sociais e culturais, singulares e tradicionais.

O primeiro artigo do **Saberes**, *Porque Cultura e por que não Popular? Léxicos, políticas e espaços*, é assinado por Adailson Costa dos Santos. Nesse artigo, ele se debruça sobre a historiografia do conceito de “cultura popular” e as contribuições da Etnocenologia para as pesquisas, sobretudo no que diz respeito à alteridade, fundamento imprescindível para uma relação ética entre o pesquisador e o assunto, pessoa ou grupo pesquisado.

Em *Etnocenologia: em demanda de uma epistemologia de permanência e manutenção do radical Etno*, Graça Veloso fala do atual estágio da Etnocenologia, reflete sobre a possibilidade “de as pesquisas sobre a cena assumirem a realidade de que todas as relações humanas são, sim, racializadas” e defende o combate a qualquer etnocentrismo. Etno, na sua percepção, se refere aos aspectos singulares das espetacularidades da espécie humana.

Como não existem iguais, também não existem diferentes, senão singularidades.

No único artigo em língua estrangeira, *Corporalidad, corporeidade, corposfera*, Paul San Martín analisa a noção de corpo a partir da teatralidade e da tensão entre o corporal e a corporeidade. Enquanto o primeiro termo limita o corpo à estreiteza, o segundo dilata o lugar do corpo, “amplía los límites hacia lo textual, hacia lo gestual, definido como corposfera o lenguaje que se actualiza mediante el cuerpo”.

O bloco **Fazer**es é aberto com o artigo *O lugar da reza no Altar do Menino Deus e na Folia de Nossa Senhora do Livramento*, um recorte da tese em andamento de Cícero Félix. A partir de uma linguagem que beira o poético, o autor passeia pela cosmopercepção de duas manifestações sagracionais da cena contemporânea que sacodem a dormência do cotidiano do Jataí, comunidade rural de Canápolis (BA), para celebrar o sagrado e o estar juntos em festa.

Em *Processo de criação na Etnocologia: experiência, teatro e branquitude*, Diego Pereira Borges analisa alguns aspectos da cena da peça *Migraaantes*, de Matéi Visniec, sob a percepção da etnológica e propõe um debate sobre branquitude e desigualdades raciais na produção teatral.

No artigo *Uma vivência estética e afetiva com menores em cumprimento de medidas de liberdade assistida - UAMA do Paranoá (DF)*, João Timótheo Maciel Porto relata sua experiência na realização de oficinas para jovens que cumprem medidas de liberdade assistida na UAMA Paranoá (DF). Durante os trabalhos, os fundamentos etnológicos ajudaram a oferecer aos adolescentes a possibilidade de um olhar mais atento sobre sua própria realidade social e cultural.

Joselito Eduardo Matos Sampaio, em *Educação e Etnocologia: horizontes tangentes que podem ser visibilizados. Possíveis?*, propõe modelos pedagógicos descentralizados e cartográficos “que não se alinham à estética arquitetônica e pedagógica dispostas pela Base Nacional Comum Curricular”.

O artigo *Espetáculo Ninho: a mulher-pássaro e sua trajetividade etnológica para criação em dança* é um recorte da pesquisa em andamento do doutorado de Liubliana Silva Moreira Siqueira. Trata da criação em dança contemporânea e da pesquisa, “um rito de encontro, passagem, memória e história de mulheres-

-pássaro em culturas indígenas, quilombolas e ribeirinhas para a composição do espetáculo solo Ninho”.

Em *Tombo do maguio: trajetos de corpo e criação cênica a partir do cavalo marinho pernambucano*, Tainá Dias de Moraes Barreto compartilha os trajetos de uma investigação artística e acadêmica sobre a manifestação tradicional que acontece na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco, e é realizada por homens ligados ao corte da cana-de-açúcar.

Esses nove textos aqui apresentados refletem um pouco das transformações pelas quais a Etnocologia vem passando, desde sua fundação em 1995. Se, é da natureza dessa disciplina se insurgir contra o etnocentrismo, é de sua natureza também refletir continuamente sobre suas práticas e seu lugar na pesquisa.

Cícero Félix e Graça Veloso



afetc

GRUPO DE PESQUISA
EM ETNOCENOLOGIA (UNB)